



OPINIÃO



Para onde vai a moda?

ISABEL CANTISTA

Professora da [AESE](#) e Managing Partner da FFI – Fast Forward Innovation

No consumo de moda, as propostas são imensas e a maior informação e formação do consumidor apontam no sentido da definição de um estilo próprio. A ditadura da moda acabou. A moda, como qualquer outro sector económico de actividade cultural, propõe.

Em termos de oferta, a organização da moda global tem-se vindo a alterar e, neste momento, há dois aspectos, que poderemos considerar relevantes.

Um tem a ver com a afirmação de propostas de moda de países de economias emergentes, ou em termos globais afastados de uma cultura dominante nos media. Até há pouco tempo, pouco se sabia da moda australiana, o fenómeno 'huggs' conferiu-lhe um traço de identidade. Pouco se sabe ainda da moda africana e, concretamente, das diferenças entre os vários países africanos. Por isso, é relevante o trabalho que a Designer Angolana Elizabeth Santos tem vindo a desenvolver de recolha sobre os padrões e texturas de tecidos utilizados no vestuário pelas etnias angolanas e, que nos faz pensar nos 'tartans' escoceses, em que cada família é reconhecida pelo padrão axadrezado. Esta designer integrará um painel de oradores convidados para o Encontro "Moda em Língua Portuguesa", que o CENIT organiza em conjunto com a [AESE](#) e com FFI no dia 28 de Novembro, no Porto.

Um outro aspecto tem a ver com a reorganização da cadeia de fornecedores. Depois de um período em que a produção definia preços, seguiu-se um período em que a distribuição impõe as suas condições e contribui de forma decisiva para a adopção de determinadas modas.

No entanto, a maior consciência da necessidade de uma sustentabilidade social e ambiental dá origem a formas alternativas de produção e comércio. Empresas e designers europeus e norte-americanos foram aqueles que deram os primeiros passos, mas o movimento agora adquire contornos globais. O que se verifica é que a moda ecológica e socialmente responsável está em alta, crescendo a mais de dois dígitos nos últimos vinte anos. As soluções são muito diversas, podem passar da reutilização de materiais, veja-se o caso da designer alemã Catherine Mayer, que faz vestuário a partir de peças de uniformes militares, citado por Viola Hoffman no livro "Moda num Mundo Global", até à empresa Patagónia, que através do seu programa "Common Threads" recolhe peças usadas, recicla fio nos seus fornecedores e recria-as. Estas abordagens representam uma economia de recursos em matérias-primas e energia notáveis e também por esse facto, não têm qualquer fundamento para ser necessariamente mais caras para o consumidor final. Ser responsável socialmente deixa de ser encarado como o privilégio de alguns para passar a ser, tanto para as empresas, como para os consumidores, uma condição necessária à melhoria da qualidade de vida de todos.

A moda continua em movimento! ■